



Centro Universitário de Brasília  
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB  
Faculdade de Ciência da Educação e Saúde – FACES

**MANUELLA CRUZ ARAUJO**

**AMOR E ÓDIO EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

BRASÍLIA  
2018

**MANUELLA CRUZ ARAUJO**

**AMOR E ÓDIO EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências de Educação e Saúde (FACES), curso de Psicologia, do Centro Universitário de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

**BRASÍLIA**  
2018

**MANUELLA CRUZ ARAUJO**

**AMOR E ÓDIO EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Brasília- Faculdade de  
Ciências de Educação e Saúde-FACES-  
Curso de Psicologia como requisito básico  
para a obtenção do grau de psicólogo.  
Professor Orientador: Dr. Juliano Moreira  
Lagoas

BRASÍLIA, JULHO DE 2018

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Examinador 1**

---

**Examinador 2**

---

**Examinador 3**

## RESUMO

Este trabalho pretende promover estudos acerca das implicações epistemológicas e psicológicas das teorias desenvolvidas no campo dos saberes *psi*, englobando conceitos que aproximam o amor ao ódio. O objetivo geral deste estudo foi investigar, no cenário dos relacionamentos amorosos abusivos, como esses sentimentos se estruturam e como se relacionam, buscando entender quais são os processos psíquicos que constituem os relacionamentos marcados pela dependência emocional de um parceiro em relação ao outro. Para tal, foi utilizada como referência central do estudo a teoria freudiana e o conceito de narcisismo. O método utilizado constituiu-se a partir da conjugação entre o “trabalho do conceito” e a “análise psicanalítica de discurso”. O material utilizado para desenredar e auxiliar na reflexão acerca dos desdobramentos provenientes da ambivalência do amor e ódio foi o livro “Pequenas grandes mentiras”. A análise foi realizada a partir das três personagens principais, desaguando nos seguintes eixos temáticos: (i) A sociedade pós-moderna, (ii) Sexualidade e violência, (iii) As pulsões e ambivalência amor/ódio, (iv) Inconsciente e culpa e (v) Narcisismo e indiferença.

**Palavras-chaves:** Psicanálise; Amor; Ódio; Ambivalência; Violência.

## **ABSTRACT**

This work intends to promote studies about the epistemological and psychological implications of theories developed in the field of psi knowledge, encompassing concepts that bring love to hatred. The general objective of this study was to investigate, in the scenario of abusive love relationships, how these feelings are structured and how they relate, seeking to understand which are the psychic processes that constitute the relationships marked by the emotional dependence of one partner on the other. For that, the Freudian theory and the concept of narcissism were used as the central reference of the study. The method used consisted of the conjugation between the "work of the concept" and the "psychoanalytic analysis of discourse". The material used to unravel and aid reflection on the unfolding of the ambivalence of love and hate was the book "Little Big Lies." The analysis was carried out from the three main characters, flowing into the following thematic axes: (i) The postmodern society, (ii) Sexuality and violence, (iii) The impulses and ambivalence of love / hate, (iv) Unconsciousness and guilt and (v) Narcissism and indifference.

**Key-words:** Psychoanalysis; Love; Hate; Ambivalence; Violence.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>7</b>  |
| <b>CAPÍTULO I: RECONFIGURAÇÕES DA SUBJETIVIDADE NA<br/>CONTEMPORANEIDADE.....</b> | <b>14</b> |
| 1.1 SOCIEDADE PÓS-MODERNA.....  | 14        |
| 1.2 A PSICANÁLISE NA CONTEMPORANEIDADE.....                                       | 16        |
| 1.3 VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE.....  | 19        |
| <b>CAPÍTULO II: AMBIVALÊNCIA DO AMOR E ÓDIO.....</b>                              | <b>23</b> |
| <b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DO DISCURSO DE “PEQUENAS GRANDES<br/>MENTIRAS”.....</b>  | <b>32</b> |
| 3.1 MADELINE.....   | 32        |
| 3.2 JANE.....   | 35        |
| 3.3 CELESTE.....  | 37        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>43</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>45</b> |

## INTRODUÇÃO

Este estudo procura investigar os processos psíquicos que constituem os relacionamentos amorosos abusivos, buscando identificar a partir de uma análise acerca das relações entre amor e ódio, na perspectiva da psicanálise freudiana, as modalidades de subjetivação e de sofrimento psíquico implicados no contexto abusivo. Para tal, o vigente estudo pretende se inserir em um movimento teórico amplo, que busca promover a abertura do discurso psicanalítico aos debates com áreas do saber conexos, como por exemplo, os saberes sociológicos e filosóficos. Analisar-se-ão as relações do amor e ódio, que são tema central do presente trabalho.

Comumente escutamos que entre o amor e o ódio o fio é tênue e se faz presente na maioria das relações humanas, o que não seria diferente nos relacionamentos amorosos. Freud (1915a/2010), em “Os instintos e seus destinos”<sup>1</sup>, salienta que é possível compreender como o amor, muitas vezes, se manifesta de forma ambivalente, ou seja, como amor e o ódio podem surgir simultaneamente direcionados ao mesmo objeto.

Freud no período de 1910 a 1918 escreveu as “Contribuições à psicologia do amor I, II e III”, nas quais reflete sobre questões amorosas entre homens e mulheres. No primeiro artigo, “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” (1910/1996), o autor descreve os tipos de escolha de objetos dos homens e suas condições necessárias para amar, explicando quatro precondições para o amor, isto é, sobre como a atração do homem em relação a um tipo de mulher se remete as condições de objeto em que ela se encontra. A

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, adotaremos o termo “pulsão” como tradução para *Trieb*, ao invés do “instinto” trazido pelas edições brasileiras das obras completas de Freud publicadas pela Imago e pela Companhia das Letras. Dessa forma, todas as vezes que o termo “instinto” aparecer nos textos de Freud e de seus comentadores substituiremos livremente por “pulsão”, exceto quando se tratar do título dos textos, tal como é o caso, por exemplo, do artigo “Os instintos e seus destinos”. A opção por “pulsão” está ancorada em uma extensa discussão que se constituiu no campo psicanalítico, sobretudo após os trabalhos de Jean Laplanche e Jacques Lacan. De um modo geral, segundo esses autores, a tradução de *Trieb* por “instinto” deixaria escapar um sentido essencial ao conceito freudiano: o de concernir a um domínio da experiência humana não redutível a uma dimensão estritamente biológica, um domínio marcado e atravessado pela dimensão da linguagem e da cultura. O termo “instinto”, seja por sua origem epistemológica, seja por sua polissemia, daria margem a um reducionismo biologicista. E é esse reducionismo que se trata, a nosso ver, de evitar com a opção por “pulsão”.

primeira precondição é a existência de uma terceira pessoa que será prejudicada, ou seja, outro homem contra o qual o sujeito irá lutar e disputar uma mulher. Mesmo que essa mulher esteja desimpedida ou apaixonada, ela só se tornará objeto amoroso quando pertencer a outro homem. A segunda precondição articula sobre como a mulher de má reputação, aquela que se assemelha a uma prostituta, tem um alto valor atribuído pelo homem, o qual, muitas vezes, sente uma necessidade de vivenciar o ciúme. A terceira precondição expressa que, no amor “normal”, o valor da mulher é elevado quando suas características são opostas às das prostitutas, resultando no homem uma exigência de fidelidade. Por fim, a quarta precondição discorre sobre a necessidade que o homem tem em salvar a mulher. Em seguida, relaciona cada uma das precondições ao complexo parental.

No segundo artigo, “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, Freud (1912/1996) discute sobre como o comportamento amoroso dos homens está marcado pela impotência psíquica, que acontece quando a corrente afetiva e a sensual no amor são combinadas. Compara, também, a condição de proibitividade na vida erótica das mulheres à necessidade dos homens em depreciar seu objeto sexual. Nesse sentido, relata que a psicanálise revelou que quando um objeto original desejoso é perdido pela repressão, ele se representa por outros vários objetos substitutos, mas nenhum deles proporciona satisfação completa, ou seja, a não satisfação é consequência de peculiaridades que a pulsão sexual adotou sob uma pressão da cultura.

No terceiro e último, “O Tabu da Virgindade” (1918/1996), o autor conceitua a sujeição sexual, que descreve o fenômeno de uma pessoa adquirir um grau de dependência em relação à outra pessoa com quem mantém um relacionamento sexual. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, sendo contaminado pela sua feminilidade, e então, se mostrar propriamente incapaz. Pode-se dizer que a sexualidade imatura da mulher descarrega-se no homem, que primeiro lhe faz conhecer o ato sexual.

Pontua-se, a partir do que foi apresentado acima, que as ideias de Freud sobre o amor são extremamente polêmicas, na medida em que veiculam uma série de preconceitos do próprio autor. Nesse caso, é necessário ponderar um anacronismo de Freud, considerando a época em que viveu e os valores dominantes naquela sociedade. Assim sendo, a despeito dos anacronismos da leitura freudiana, podemos sobressaltar que a grande contribuição que ele aportou ao tema foi ter problematizado o campo do amor. Revelou suas ambiguidades, contradições e incongruências, e a presença radical do inconsciente e do desejo no campo das relações amorosas. Quando pensamos sobre o amor na teoria freudiana, o narcisismo revela-se como um importante conceito para a discussão do tema. De acordo com Drubsky (2008),



alguns dos elementos essenciais para a teoria do narcisismo são: a ideia do eu como objeto de amor e a sua relação com as escolhas amorosas.

Para Freud, existem duas formas do objeto de amor ser escolhido: a primeira possibilidade de escolha é por apoio, que se constitui basicamente a partir das primeiras satisfações sexuais do ser humano; ou seja, o amor é por quem o cuida e coloca-se à disposição de suas satisfações, isso ocorre dos dois aos cinco anos, e novamente na puberdade até a vida adulta. A segunda possibilidade de escolha é a narcísica, trata-se da relação entre as pulsões sexuais e as satisfações orgânicas do indivíduo (ALVES; CASTELO, 2016). Ravanello e Martinez (2013) mencionam que Freud defende um amor originário de um amor próprio, um amor narcísico. Fernandes (2002) destaca que além de considerar o amor como originalmente narcisista, ele passa posteriormente para os objetos, tal como podemos ler em "Pulsões e seus Destinos" (1915a/2010):

[o amor] é originalmente narcisista, passando então para objetos, que foram incorporados ao ego ampliado, e expressando os esforços motores do ego em direção a esses objetos como fontes de prazer (FREUD, 1915a/2010 apud RAVANELLO, 2013, p 177).

A fim de apresentar o conceito de narcisismo, e tendo como base os avanços teóricos de Freud e Lacan, Nasio (2007) destaca as principais linhas que situam o entendimento desse conceito. No capítulo referente ao conceito de narcisismo, evoca o narcisismo como um investimento da própria imagem, visto que a mulher ama exclusivamente a si mesma. Entretanto, vale lembrar que esse investimento narcísico é fundamental para a formação do sujeito (FERNANDES, 2002).

Dessa forma, Ravanello e Martinez (2013) referindo-se ao amor narcisista afirmam que para Freud esse amor está diretamente relacionado às mulheres que amam ser amadas. Mas o que significa, então, ser amada? Para muitas, a manifestação do amor pode ser através do cuidado, do carinho ou até mesmo por demonstrações de ciúmes e brigas calorosas.

Flanzer (2006) destaca o amor como fonte geradora de prazer, e “o ódio é caracterizado em específicos momentos da obra de Freud como um sentimento mais antigo que o amor, cuja fonte reside na obtenção do desprazer” (FLANZER, 2006, p. 215). Freud (1915a/2010) relata que quando o objeto dá origem às sensações prazerosas, a tendência é que esse objeto seja aproximado ou conservado perto do eu. Por outro lado, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, a tendência é que seja distanciado do eu, dando origem a repulsa, e então, o odiamos. O ódio pode também assumir uma finalidade defensiva. Ou seja,

o indivíduo para se esquivar de sensações desprazerosas e para não entrar em contato com uma angústia que pode estar ligada a afetos insustentáveis, preserva-se. Esse resguardo pode ser “por esta via, do confronto, por exemplo, com a perda, o abandono, o desamparo” (BARROS E ROCHA, 2010, p. 3).

Barros e Rocha (2010) constataam que o termo “ódio” não está presente, ou está pouco desenvolvido, nos dicionários de psicanálise, por exemplo, no *Vocabulário de psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1968/2008), não é possível encontrar o significado de ódio; a menção do termo é feita somente na explicação referente à ambivalência, isto é, quando o ódio está ligado ao amor.

Laplanche e Pontalis (1968/2008), no verbete sobre “ambivalência”, relatam sobre como o termo criado por Bleuer fora apropriado por Freud. Freud quando menciona a ambivalência, expressa suas ideias da presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de sentimentos opostos ou até mesmo atitudes, em especial entre o amor e o ódio. A ambivalência é característica das relações objetais; o objeto que é ambivalente comporta simultaneamente os valores do amor e do ódio.

Freud (1932/2010) manifesta através de uma carta para Einstein algumas de suas ideias sobre o ódio. Acredita que o homem está carregado de pulsões, os quais podem ser de dois tipos: os que “tendem conservar e unir (...) e os que procuram destruir e matar” (p.244). Nesse sentido, após afirmar que tanto o ódio quanto o amor são essenciais para os seres humanos, e ainda, que ambos os sentimentos não podem operar isoladamente, Freud menciona a teoria segundo a qual o amor e ódio são opostos (FREUD 1932/2010).

Pensando, então, sobre esse conflito entre amor e ódio, Ravanello e Martinez (2013) afirmam:

Tomemos o exemplo do senso comum que desconfia quando duas pessoas brigam ou “se odeiam” demais, e que poderíamos acrescentar uma leitura de Freud, quando alerta que se trata de um exemplo da verdade como negação, elucidando que o ódio é, sobretudo, conservado e suprimido no inconsciente por ação do amor (p.174).

Nesse sentido, esta monografia se estrutura a partir de dois eixos principais: (i) investigar como o conceito freudiano de narcisismo se relaciona a suas concepções de amor e ódio; (ii) investigar de que maneira a situação de permanência dos indivíduos no contexto abusivo pode nos ensinar algo a respeito da ambivalência do amor.

Para isso, o desenvolvimento da pesquisa se orientou a partir de duas estratégias metodológicas: o “trabalho conceito” e a “análise psicanalítica do discurso”, visto que a psicanálise é objeto do estudo sistemático e das reflexões epistemológicas do presente estudo.

O “Trabalho do Conceito”, que assim foi nomeado por Georges Canguilhem, e que possui grande influência dos princípios da epistemologia histórica de Gaston Bachelard, insere-se no cenário de uma “epistemologia fundamentada na ideia de que um conceito deve ser avaliado em função do campo de problemas que ele pretende tratar” (LAGOAS, 2017, p.21). De acordo com Bachelard, o sentido e entendimento de um conceito dão-se a partir das suas relações com outros conceitos, e frequentemente, com a problemática que o estabelece. De acordo com Rosa e Domingues (2010), o método é o modo de abordar o fenômeno, e para tal, o Trabalho do Conceito caracteriza-se principalmente pelos seguintes aspectos: análise dos efeitos de sua relação com a rede conceitual na qual está inserido, expansão dos limites de aplicação do conceito, testagem da resistência do conceito a variações das condições de aplicabilidade e, por último, pela eficácia para responder questionamentos levantados (LAGOAS, 2017).

A segunda estratégia metodológica adotada na presente pesquisa foi a análise psicanalítica do discurso, manejada conjuntamente ao trabalho conceito. As especificações de tal estratégia metodológica partem dos princípios da Escola Francesa de Análise de Discurso e da pesquisa psicanalítica. Figueiredo e Minerbo (2006) diferenciam as “pesquisas em psicanálise com método psicanalítico” e as “pesquisas em psicanálise”. A primeira, com o método psicanalítico, caracteriza-se pela indispensabilidade do psicanalista, ou seja, o pesquisador deve obrigatoriamente ser um psicanalista em atividade analítica. A segunda constitui-se pela utilização de teorias psicanalíticas como objeto de estudo e pesquisa, “como instrumentos para a investigação e compreensão de variados fenômenos sociais e subjetivos” (Figueiredo e Minerbo, 2006, p. 259). Dito isso, o presente estudo qualifica-se como uma pesquisa em psicanálise, a qual o método foi estruturado no decorrer da investigação (LAGOAS, 2017). Freud postulava que cada passo da investigação deveria ser tomado como se fosse o primeiro, já que os conteúdos tratados não podem ser aplicados a partir do saber acumulado do analista, como se fosse uma fórmula. Ou seja, as particularidades e singularidades de cada caso, bem como, os conteúdos que neles serão investigados, deverão ser tratadas de forma única, visto que, a pesquisa tem como aspecto central a articulação com manifestações do inconsciente. (ELIA, 2000).

O campo observacional é concebido a partir da comunicação e interação entre o pesquisador e o analisando, em um processo mútuo de transferência, ou seja, antes disso não

existem dados plausíveis para investigação e análise (ROSA E DOMINGUES, 2010). A fim de atingir os objetivos que foram propostos no presente estudo, e dito que foram utilizadas duas estratégias metodológicas, os procedimentos de construção do material de análise foram dispostos em duas etapas.

Primeiramente, através da metodologia do “trabalho conceito”, foi feita uma pesquisa bibliográfica englobando conceitos a serem trabalhados na pesquisa, como o amor, o ódio, a ambivalência e o narcisismo, tendo em vista as obras de Freud e seus comentadores. Em seguida, foi feita uma seleção e sistematização do material pesquisado, avaliando a relevância e o grau de aprofundamento dos conceitos levantados. Por fim, a produção de uma compilação bibliográfica com citações e resenhas críticas.

Na segunda etapa, por meio da “análise psicanalítica do discurso”, foi feita a construção do material a ser analisado. Essa construção aconteceu mediante aos trechos do livro “Pequenas grandes mentiras” de Moriarty (2013), livro que deu origem à série de televisão “Big Little Lies”, identificando relatos e falas de personagens que estavam relacionadas à temática de relacionamentos abusivos. Em seguida, foi feita a transcrição do material bruto coletado, para que pudesse posteriormente ser transformado em texto.

Após a coleta e construção do material foi possível dar início à fase de análise da pesquisa, que também passou pela fragmentação em duas etapas. A primeira etapa, fundamentada no “trabalho conceito”, consiste em analisar, a partir dos conceitos que foram propostos (amor, ódio, ambivalência e narcisismo), os problemas de pesquisa que estão destinados a serem resolvidos: (i) como se estruturam as relações entre o amor e o ódio no contexto dos relacionamentos abusivos?; (ii) como é possível pensar os limites entre o amor e o ódio nesses relacionamentos?; (iii) de que maneira a teoria psicanalítica nos oferece recursos para articularmos as dimensões do amor e do ódio no cenário abusivo?; (iv) de que modo o conceito psicanalítico de narcisismo nos permite compreender os processos de subjetivação e de sofrimento psíquico nesse contexto? Por fim, foram elaborados relatórios de cunho descritivo e reflexivo a respeito do desenvolvimento da pesquisa e do processo de investigação.

A segunda etapa, baseada na “análise psicanalítica do discurso”, consistiu primeiramente em discernir os relatos evidentes no livro “Pequenas grandes mentiras”, identificando os processos de significação dos mesmos. Feito isso, foi feito o levantamento de hipóteses sobre questões “não-ditas”, considerando que “é justamente por não ser possível que se diga tudo, que se diz alguma coisa” (TFOUNI, 2013, p.49). Posteriormente, foi evidenciado o sentido da articulação entre o “dito” e o “não-dito”, levando em conta a subjetividade do

discurso. Por fim, à luz do referencial psicanalítico e associado há concepção freudiana acerca das relações entre amor, ódio, ambivalência e narcisismo, foram analisados as posições subjetivas e os processos de produção de sentido do livro analisado.

A hipótese principal da pesquisa é que trabalhar esses conceitos a partir da teoria psicanalítica nos leva a uma desconstrução da visão dualista acerca da relação entre amor e ódio. Trata-se de mostrar que a relação do amor e do ódio não é simples e clara, ou seja, os limites entre os dois sentimentos não são nítidos.

## **CAPÍTULO I: RECONFIGURAÇÕES DA SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE**

Nós somos responsáveis pelo outro, estando atento a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas. (BAUMAN, 2001)

Pensando na continuidade da vida, é inegável que nós, seres humanos, necessitamos de uns aos outros. Barbosa *et. al.* (1997) refletem sobre como a origem da vida social é tão antiga quanto à própria humanidade, ou seja, o homem desde seus primórdios está inserido em um movimento de construção de relações sociais. É ser indissociável da natureza e é estabelecido enquanto humano a partir do resultado do seu relacionamento com ela, que se dá de forma particular e específica em um dado momento de tempo e contexto histórico (FONTES, 2004). O processo de socialização do sujeito engloba diversas circunstâncias influenciadoras, entretanto, é de grande importância entender que o homem está inserido na sociedade. Sociedade que tem sofrido mudanças céleres e significativas.

### **1.1 SOCIEDADE PÓS-MODERNA**

O momento atual, denominado de “pós-modernidade”, vem ocasionando diversas mudanças nos níveis de entendimento do ser humano. Elas estão em grande parte relacionadas ao contexto produtivo, às relações sociais entre os sujeitos e ao modo que cada um se constitui nestas relações contemporâneas. Tais transformações aspiram análises de diferentes disciplinas do saber, que buscam compreender os desdobramentos das mudanças na sociedade moderna e os encadeamentos delas para os sujeitos e suas relações, já que agora estão inseridos nessa nova forma social (COUTINHO *et al.*, 2007; GOMES e CASAGRANDE, 2002).

Diante das implicações da pós-modernidade no contexto social, o conceito de “sociedade do espetáculo” é sublinhado por Debord (1997/2007). Nesse mesmo cenário, pode-se perceber a necessidade de promover uma identidade ideal à população, onde modelos culturais são impostos e tudo o que foge do normativo é reprimido. Essa identidade que é oferecida para os sujeitos impossibilita que o indivíduo tenha suas próprias experiências, ou seja, todas as situações que antes eram vividas e, de fato, sentidas, foram substituídas pela necessidade de uma representação social. Isto é, trata-se de uma afirmação da aparência e do social, não só para o mundo externo, mas também para si. Por mais que as imagens sejam de

extrema importância no espetáculo, elas sozinhas não teriam nenhuma influência sobre os indivíduos, isso só é possível a partir da relação dessas imagens com o que é socialmente valorizado. De certa forma, a busca dos sujeitos por essa identidade ideal acaba sendo paradoxal, já que, no fundo, se trata de uma prática irreal. Isso porque está baseada em um modelo de vida inacessível, tal como podemos ler em Debord (1997/2017):

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda a realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido parecer naquilo que ela *não é* (p. 42).

O indivíduo aprisionado no mundo pós-moderno, o qual sofre bruscas influências procedentes da globalização, da cultura, da política e economia, acaba ficando, de certa forma, alienado. Entretanto, essa alienação não ocorre de forma isolada. Quando isso acontece, o sujeito passa por uma perda significativa de unidade no mundo, característica de uma cultura de incertezas e indeterminações (DEBORD 1997/2017; GOMES e CASAGRANDE, 2002).

Durante a sua obra, Bauman (2001) se apropria do conceito de “fluidez” e “volatilidade” para discorrer sobre a “modernidade líquida”. Modernidade essa em que vivemos atualmente, marcada por uma cultura de inseguranças, consumo e artificialidade. É nesta época, que ocorre a dissolução da fixidade de forças ordenadoras e de padrões sociais de referência da época anterior, denominada por Bauman, como “modernidade sólida”. O indivíduo, então, não possui mais um lugar referencial para se situar, tanto em relação aos códigos sociais quanto aos culturais. Antes, na “modernidade sólida”, os indivíduos podiam recorrer a padrões de referência para constituírem suas vidas, e dessa forma, estariam condizendo ao ideal social. Mesmo que os direcionamentos estejam cada vez mais em falta, o autor afirma que os indivíduos ainda não são livres a ponto de constituírem suas vidas visando unicamente a sua imaginação ou vontades. Isto quer dizer que “estamos passando de uma era de ‘grupos de referência’ predeterminados a outra de ‘comparação universal’, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão” (BAUMAN, 2001, p. 14).

Nesse sentido, vale dizer que os padrões referenciais não estão extintos, mas sim que há uma imensa variedade deles, e por isso, mesmo não sendo evidente, muitos deles acabam sendo contraditórios. Tais choques e contradições acarretaram em uma destituição do poder de

restringir e reprimir o sujeito, visto que, frente à pluralidade de padrões o sujeito nunca conseguirá condizer com todos eles. Há, então, uma individualização do mundo. Ou seja, a vida passa a ser um projeto individual do sujeito, o qual pode, em certa medida, ser “livre”. Os parâmetros sociais são agora maleáveis, possibilitando que as influências sociais e individuais determinem como serão moldados. Essa flexibilidade permite que o sujeito, de acordo com cada contexto ou situação, possa agir de uma forma diferente. Ou melhor, que o sujeito inserido na modernidade líquida pode possuir inúmeras identidades (BAUMAN, 2001).

A partir disso, é possível afirmar que a sociedade vive em uma constante performance, onde os indivíduos buscam sempre agir de forma notável de acordo com um determinado instante ou contexto de cena social. Notável no que tange a uma performance exibicionista na sociedade do espetáculo, onde a recompensa do indivíduo por ter múltiplas identidades fluidas e de sentidos vagos, é o reconhecimento dos seus espectadores (BAUMAN, 2001; DEBORD, 1997/2017; GOFFMAN, 1959 apud TEIXEIRA, 1999).

Visto que o presente estudo se insere no debate psicanalítico, é de grande importância contextualizar a psicanálise nesse atual momento em que vivemos.

## 1.2 A PSICANÁLISE NA CONTEMPORANEIDADE

O lugar da psicanálise na contemporaneidade está em grande medida vinculado às reconfigurações do modelo de subjetividade, mais precisamente, ao sofrimento humano nas novas formas de subjetivação. Birman (1999), em “Mal-estar na Atualidade”, indaga sobre a crise psicanalítica e indica alguns impasses que surgiram para o sujeito ao longo do cenário histórico, que acabou resultando nesses novos campos de sofrimento subjetivo.

O autor destaca que existem impasses na própria psicanálise: a primazia doutrinária de alguns pensamentos no campo psicanalítico. Isso faz com que haja um bloqueio na escuta das novas formas de subjetivação na contemporaneidade, tornando a psicanálise ineficiente no nosso contexto histórico. Esse fundamentalismo também é uma das causas da crise, já que impede que diferentes escolas possam compartilhar suas linhas de trabalho e faz com que o poder crítico da comunidade psicanalítica se minimize (BIRMAN, 1999).

Pensando nos impasses do sujeito no mundo da civilização, que para Freud (1930/2010) trata-se da inscrição dele na modernidade, duas hipóteses relacionadas à psicanálise foram levantadas. A primeira hipótese pressupunha que a psicanálise poderia



solucionar o mal-estar na sociedade, se apoiando na harmonia entre o sujeito e o social. Por outro lado, a segunda hipótese questionou o primeiro pressuposto, colocando em questão a harmonia e destacando o desamparo do sujeito no campo social moderno. Pode-se perceber que existem duas perspectivas opostas sobre a inserção do sujeito na modernidade. Birman (1999) acentuou que essa oposição de pontos de vista propiciou que o discurso psicanalítico ficasse à prova do social, e por isso, a psicanálise está sendo obrigada a se reconstituir em novos alicerces.

Nesse sentido, levando em conta que o fundamentalismo sublinhado por Birman (1999) e as novas figurações de subjetividade são as principais razões para a crise da psicanálise, e ainda, pensando no sofrimento psíquico do sujeito alinhado ao fato da psicanálise ser o referencial do presente estudo, é inevitável debater sobre as psicopatologias atuais.

Daniel e Souza (2006) destacam a psicanálise como o meio de entrada para entender a constituição subjetiva, ou seja, como os sintomas de sofrimento são produzidos a partir da interação do psíquico com o social e sobre as formas de organizações psíquicas. Conjuntamente, é inegável que implicações começaram a surgir após o alicerçamento de princípios modernos no cenário social. Pensando que “é sempre a questão da modernidade que está em pauta para o discurso freudiano quando este toma a civilização como objeto de pesquisa e reflexão” (BIRMAN, 1999, p.151), é necessário examinar o campo social da atualidade.

Nas últimas décadas, pode-se constatar um novo mapeamento social, marcado pela fragmentação da subjetividade. Nessas novas formas de construção de subjetividade, o sujeito se encontra em posição privilegiada, caracterizado pelo autocentramento e a reprodução de uma visão individualista de mundo (BIRMAN, 1999). Esse autocentramento é uma marca de extrema importância principalmente na “cultura do narcisismo”, visto que, “cada época desenvolve suas formas peculiares de patologias (LASCH, 1983, p.66)”. Necessitar da aprovação do outro para validar a sua autoestima, possuir relacionamentos amorosos superficiais, temer a velhice devido à dependência, manipular relações interpessoais e o gozar do seu sucesso são algumas das características significativas do indivíduo narcisista moderno (LASCH, 1983).

Coelho (2007), ao examinar a influência da mídia nas novas formas de subjetividade, fala também sobre a “cultura do narcisismo”, termo exposto por Lasch em 1983. Trata-se da

dependência do olhar do outro, que delimita como o sujeito deve ou não agir. Tal dependência pode ser também usada como justificativa para as próprias ações, como se fosse uma espécie de espelho, o social e o homem. Essa indistinção do eu e do outro faz com que o homem perca sua identidade própria e escolhas individuais, tornando-se apenas o reflexo de um eu ideal. A imprensa e a sociedade atestam a normalidade das condutas, definindo os comportamentos e projetando o que é aceito socialmente (BIRMAN, 1999).

Com a finalidade de exaltar a si mesmo e empreender a estetização do seu eu, o sujeito recorre à manipulação do outro para atingir objetivos que lhe são próprios, resultando, então, a individualização. Dessa forma, ele não se preocupa com a constituição de laços sociais, mas sim em usufruir do outro como objeto para fins enaltecadores e para alcançar seu gozo. Ou seja, a cultura narcísica está fortemente marcada pelo autocentramento e exaltação do indivíduo (BIRMAN, 1999).

Pensando sobre o contexto da pós-modernidade, e ainda, sobre o autocentramento e o sujeito “fora-de-si” e “dentro-de-si”, Birman (1999) levanta a questão de qual a relação desses conceitos. Primeiramente, é necessário entender que o conceito de autocentramento não é equivalente ao de sujeito dentro-de-si, já que uma propriedade fundamental se ausenta: a interioridade. Na cultura do narcisismo, o que salienta o autocentramento da subjetividade é justamente o oposto da interioridade, é a demasia da exterioridade. Esse excesso de exterioridade se manifesta como algo atrativo para o sujeito pós-moderno, pois o gozar do sujeito narcísico só é possível a partir do notar e da aprovação do outro. Nesse sentido, o sujeito narcísico característico possui a existência na exterioridade, evidenciando um autocentramento e se trata de um sujeito fora-de-si.

Anteriormente, o sujeito fora-de-si apontava a insociabilidade e a insanidade. Entretanto, essa particularidade de autocentramento na condição do sujeito fora de si é agora valorizada socialmente na cultura narcísica. O estado fora-de-si não é visto mais com estranheza, mesmo com as formas perversas de atingir ao gozo, em outras palavras, mesmo sendo uma realidade o sujeito manipular o outro para atingir a satisfação. Nesse contexto, o sujeito passa a ser legitimado pelo fato de ser autocentrado, e, assim, é integrado socialmente (BIRMAN, 1999).

Dito isso, é notório o contraste entre a psicanálise e os valores que contemplam a cultura do narcisismo e do espetáculo. Esse contraste é mais uma das explicações que levaram a psicanálise à crise, não porque ela é fundada em uma filosofia do sujeito, mas porque depreende a ruptura do sujeito com o eixo narcísico do eu. O trabalho da psicanálise consiste

em guiar o sujeito ao encontro de seus próprios desejos, o que fará com que ele siga um caminho diverso ao da cultura do espetáculo e da performance. Ou seja, o gozo e a predação do outro será substituída pelo encontro do sujeito com seu desejo. E por outro lado, o fato do sujeito não se adaptar e fracassar na participação da cultura do narcisismo confere em uma possível psicopatologia no contexto atual (BIRMAN, 1999).

### 1.3 VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE

Pensando então, sobre o mal-estar na civilização e a angústia do sujeito, Freud (1930/2010) apresenta a ideia que há três fontes do sofrimento: “a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade” (p.29). Quanto aos dois primeiros, o sofrimento causado pelas leis da natureza e pela deteriorização do corpo humano, é pertinente reconhecer que ambas as fontes do sofrer são inevitáveis. Ou seja, o ser humano nunca irá dominar completamente a natureza e o seu corpo, serão sempre estruturas transitórias, finitas em adaptação e desempenho (FREUD 1930/2010). Diante desse cenário, de sofrimento insolucionável, o sujeito se resigna. Não obstante, a terceira fonte de sofrimento parece ser mais penosa e veste o sujeito de angústia, tornando-os mais propícios à violência (LIMA, 2010). Essa terceira fonte se remete ao social e está intimamente ligada ao processo civilizatório exposto pelo autor.

Durante toda sua obra, Freud (1930/2010), discorre sobre uma felicidade inalçável e relaciona esse fracasso com algo que foi criado pelo próprio homem: a civilização. Entretanto, para explicar por que a civilização culpabiliza os sujeito pelo insucesso da felicidade, é necessário retroceder levemente às condições primitivas dos seres humanos e em como a sociedade foi estruturada.

Pensando na lei da natureza e nas condições primárias dos homens, emerge-se a ideia de que o processo civilizatório foi uma tentativa de tirar o ser humano do domínio da natureza. Quando estamos submetidos às leis dela, os fortes dominam e se fortalecem a partir dos mais fracos. Entretanto, é um engano pensar que essa lei intervém somente sobre os mais fracos, afinal, ao mesmo tempo em que a posição que se encontra seja superior a um, pode ser inferior a outro. Ou seja, mesmo sendo o mais forte no momento atual, posteriormente pode se deparar com outro que o derrote. Bem como, a partir do momento que se age de forma destrutiva com o outro, abre-se a possibilidade de também ser destruído (PARO, 1999).

Visando a minimização da ameaça dos mais fortes contra os mais fracos e nessa incansável tentativa de cessar o sofrimento, a sociedade foi estruturada como uma espécie de acordo. Com essa intenção de promover uma estabilidade entre os homens, o que parecia ser fundamental era obter a segurança. Freud (1930/2010) em “O mal-estar na civilização” discorre sobre como o homem tem de abrir mão da sua felicidade a fim de obter a segurança. Tal felicidade está relacionada à liberdade do sujeito, tal como podemos ler em Bauman (2008):

A felicidade, portanto, significa liberdade: liberdade para agir conforme os impulsos, para seguir seus próprios instintos e desejo. Esse é o tipo de liberdade que tende a se eliminada, ou pelo menos, severamente restringida, pelo bem de uma porção de segurança (BAUMAN, 2008, p.57).

Acontece que, mesmo abrindo mão dessa liberdade de desejar e agir de formas instintivas estamos fadados à possibilidade de sermos eliminados. Isto é, o objetivo que foi estabelecido pela civilização nunca será inteirado (BAUMAN, 2008). Dado que, na medida em que abrir mão dos nossos desejos não é fazer com que eles não existam.

Tal projeto civilizatório acaba sendo também transformador. Transformador no tocante das condutas e sentimentos humanos, já que a civilização é composta por restrições sociais e marcada pelo autocontrole (COSTA; ENDO, 2014). Podemos concluir que grande parte da estruturação da sociedade é caracterizada por um “regulamento normativo” (BAUMAN, 2008), que de certa forma é também repressivo. A tendência dessa repressão é de “tornar mais íntimas todas as funções corporais” (ELIAS, 1939/1990 p. 188). Visto que os indivíduos se relacionam entre si através dos objetos corporais, e pensando sobre como o projeto civilizatório opera de forma repressiva sobre o sujeito, pode-se destacar a agressividade e a violência como algumas das representações do processo civilizatório (COSTA; ENDO 2014).

Há algumas décadas, a violência deixou de ser vista como um problema secundário no contexto contemporâneo, firmando-se como um dos sintomas do declínio social. Refere-se à forma que os indivíduos tentam administrar e resolver os seus próprios conflitos contemporâneos, gerando um preocupante quadro de instabilidade e insatisfação social. As causas dessa violência não são elaboradas conscientemente, mas perduram como sendo prejudiciais na organização da vida social, já que “se ‘produz’ e se ‘reproduz’ de modo circular” (BITTAR, 2008, p. 215). Dito isso, uma das formas de pensar a violência é como uma expressão do indivíduo que é pressionado pelo processo civilizatório. Seria então, uma

alternativa que ele encontra para realizar seus desejos e agir de forma instintiva, tal como podemos ler em:

A violência é interpretada não como um fenômeno que destoa da vida moderna, mas que realiza a própria dialética que se encontra interiorizada em seu funcionamento. A exceção é, por isso, feita regra, e, desta forma, a violência se banaliza para se tornar um mecanismo de adaptação do convívio social hodierno (BITTAR, 2008, p. 220).

De certa forma, é possível afirmar que a violência não se caracteriza pela oposição à civilização, mas sim que a civilização se construiu a partir do recurso da violência. Freud acredita que nada aponta para a possibilidade de um êxito e que o fracasso está inscrito no próprio projeto civilizatório (FREUD, 1930/2010). Ou seja, partindo do ponto em que se acredita que desde o início a civilização tenha sido estruturada de forma que futuramente conferisse no insucesso, a violência não pode ser vista como um acidente que foi ocasionado no meio do percurso.

A violência se torna, então, um recurso para agir contra aqueles que estariam estorvando o sucesso do projeto. Buscando precaver os atos de violência mais extremos, confere a si mesma o consentimento em agir violentamente contra os infratores (FREUD, 1930/2010). Um exemplo atual do uso da violência para combater atos violentos é a intervenção federal na segurança do Estado do Rio de Janeiro. O presidente Michel Temer decretou plenos poderes ao general, concedendo a este autoridade para controlar todo o setor de segurança, as polícias, o corpo de bombeiros militar, a área de inteligência do Estado e o setor carcerário. Ou seja, houve um endurecimento do regime e da repressão para tentar combater a violência na cidade.

Entretanto, é difícil aceitar que o ser humano é composto por algo que vai além do amor, e só é capaz de se defender quando realmente é atacado. O indivíduo inclui dentre suas pulsões uma carregada cota de agressividade (FREUD, 1930/2010). Contudo, a agressividade não pode ser vista somente como algo negativo, ela tem sim um aspecto destrutivo, mas expressa também um ímpeto de transformação. Essa tendência agressiva inerente ao ser humano e seu psiquismo, não implicam necessariamente ao uso da força física. É possível que o sujeito seja agressivo em relação a uma situação que lhe incomode, e que essa agressividade funcione de forma libertadora. Quando isso não acontece, ou seja, quando a agressividade não encontra formas transformativas de se expressar, ela pode percorrer caminhos diferentes. Como por exemplo, a agressividade pode se voltar para o próprio sujeito, e, portanto, se tornar uma autodestrutividade, ou pode tomar o outro como objeto de violência. Assim sendo, a

agressividade pode ser vista como algo prejudicial, implicando uma destrutividade em si mesmo ou no outro (ANDRADE, 2003; BENELLI, 2002;).

De fato, embora devamos reconhecer que há algo da violência intrincado no próprio processo civilizatório, não devemos ceder ao atalho de sua naturalização, como se tratasse de um fato inerente à vida humana e, portanto, inevitável. Ou seja, é errôneo encontrar nessa relação intrínseca da sociedade e da violência, justificativas para atos violentos, e denominar a agressividade como uma consequência social inevitável.

Nesse sentido, pensando que superar a violência não é impossível, é coerente pensar nos caminhos que podem ser seguidos. O amor pode ser visto, então, como uma tentativa de abrir mão da violência, já que pensa a vida fora da ideia da eliminação do próximo e visa criar laços afetivos com o outro. Violência e amor constituem duas questões paradoxais da vida humana e se inserem dentro de um campo de relações mais amplas. Um dos espaços em que esse paradoxo se manifesta de forma mais contundente é no dos relacionamentos amorosos abusivos, contexto cerne do presente estudo.

## CAPÍTULO II: AMBIVALENCIA ENTRE AMOR E ÓDIO

Freud desenvolveu e elaborou aquilo que chama de conceitos metapsicológicos, ou seja, um composto de modelos conceituais que integram a estrutura teórica psicanalítica. A metapsicologia propõe descrever minuciosamente alguns processos psíquicos à luz dos “pontos de vista de sua localização em instâncias (ponto de vista tópico), da distribuição dos investimentos (ponto de vista econômico) e do conflito das forças pulsionais (ponto de vista dinâmico)” (GARCIA-ROZA, 1984/2009, p.114). Nesse sentido, um dos conceitos mais importantes da teoria psicanalítica é o de pulsão, que aparece pela primeira vez em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2010).

Veremos o conceito de pulsão nesse debate a partir do que Freud elucidou sobre sexualidade nessa mesma obra. Em seus “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade” (1905/2010), o autor questionou radicalmente a concepção de uma sexualidade naturalista, ou seja, aquela que se restringia ao genital e ao ato sexual para fins exclusivamente reprodutivos. Dessa forma, destacou a sua importância da sexualidade em diversas atividades humanas (FREUD, 1905/2010), tal como podemos ler em:

Para Freud, a sexualidade não assinala apenas as atividades e o prazer ligados ao genital, porém toda uma série de manifestações presentes desde a infância que produzem prazer, que ultrapassam a necessidade e que se encontram como elementos da chamada sexualidade genital, demonstrando como a sexualidade humana pode se satisfazer com objetos e fins muito diversos (GAIO, 2015, p. 10).

Vale destacar, portanto, que as próprias normas sociais da época davam sentido às manifestações sexuais. Esse sentido estava relacionado ao que acreditavam que era realmente essencial para a vida humana: a reprodução da espécie. E, dessa forma, tudo o que fugisse dessa normalização e enquadramento era considerado uma “aberração” (VALAS, 1990, p.10). Porém, é de extrema importância elucidar que o campo da sexualidade, para Freud, não se reduz ao domínio do ato sexual, mas, diferentemente, se relaciona com tudo o que diz respeito aos processos de constituição de laço social e socialização.

As pulsões estão localizadas na fronteira entre o psíquico e o somático, sendo um significante psíquico de forças orgânicas. “Uma pulsão não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa. Mas também no inconsciente ele não pode ser representado senão pela ideia” (FREUD 1915b/2010, p.85). Dessa forma, a pulsão vai além do discernimento entre consciente e inconsciente, e devido aos seus representantes se torna

evidente no psiquismo humano. As pulsões são compostas por quatro elementos: a pressão, a fonte, o objeto e o alvo. A pressão é caracterizada por um impulso interno, que exerce força constante e é, de fato, a sua essência. A dinâmica do aparelho psíquico está intimamente ligada a essa energia potencial, que constantemente impulsiona a psique. Entretanto, essa energia interna não é consequência de qualquer função biológica do ser humano, mas ainda assim, possuem uma fonte. Essa fonte é o interior do corpo, um intermédio entre o corpo e a psique corporal, que está ligada particularmente às membranas e ao contato corporal com o outro. Nesse sentido, a pulsão parte da zona erógena e se dirige ao objeto, mas não o encontra, pois se trata por definição de um objeto perdido e “desenhando o vazio de sua ausência, e cumprindo o objetivo de sua satisfação: retornar para insistir e recomeçar” (RIBEIRO, 1997, p.11).

Nesse trabalho de envolver o objeto, a pulsão, na verdade, o cria e volta sobre si mesma, encontrando o seu alvo: a meta da satisfação. Ou seja, uma pulsão não pode ser vencida e nem impedida, pois assim que ela surge, busca alcançar de forma coativa a satisfação. Por mais que o aparelho psíquico tente eliminar os impulsos pulsionais, a sua fonte é inesgotável. Freud destaca, então, o caráter reflexivo da pulsão, indicando que existe algo pulsional que quando é impedido de se manifestar na relação com o outro, um dos destinos que pode tomar é à volta contra a própria pessoa. Isto é, a pulsão quando não encontra um objeto no mundo externo para se satisfazer, acaba voltando sobre o sujeito de maneira destrutiva, seja, por exemplo, na forma de autorecriminações ou automutilações (FREUD, 1915b/2010; GARCIA-ROZA, 1984/2009).

As diversas partes do corpo produzem inúmeras pulsões diferentes, mas Freud não delimita uma diferença qualitativa entre elas. Apesar de afirmar que as pulsões são qualitativamente de mesma natureza, apresenta o seu primeiro dualismo pulsional: as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. As pulsões sexuais consistem naquelas que impulsionam o sujeito no sentido da sexualidade, cujo interesse é de cunho satisfatório, seja anal, oral ou fálico, por exemplo. Pode-se destacar também, que conseqüentemente, as pulsões sexuais visam à constituição de laços com o outro. Por outro lado, as pulsões de autoconservação (pulsões do eu), são aquelas que protegem o indivíduo dos riscos inerentes à sexualidade, cuja energia é o interesse, a preservação de si e a preservação do eu. É possível entender esses riscos da sexualidade contextualizando as pulsões de autoconservação, já que na época em que Freud elaborou esse primeiro dualismo não existiam, por exemplo, métodos contraceptivos e de prevenção de doenças venéreas. Nesse sentido, o campo da sexualidade estava atrelado a riscos para o indivíduo (FREUD, 1915a/2010).



Entretanto, ao apresentar essa primeira teoria pulsional, Freud demonstrou uma inquietação em relação à possibilidade de sua permanência, relatando que esse primeiro dualismo perduraria enquanto fosse teoricamente útil e que posteriormente poderia ser substituída por uma segunda teoria pulsional, tal como podemos ler em:

Sugeri a diferenciação de dois grupos dessas pulsões primordiais, as *pulsões do Eu*, ou *de autoconservação*, e as *pulsões sexuais*. Mas essa proposta não tem significado de um pressuposto necessário (...) não passa de uma construção auxiliar, que deve ser mantida apenas enquanto se revelar útil. E cuja substituição por outra não mudará muito os resultados de nosso trabalho de descrição e ordenação. (FREUD, 1915a/2010, p. 44)

Então, em 1920, Freud desenvolveu o seu segundo dualismo pulsional: a pulsão de vida e a pulsão de morte, respectivamente, uma que leva a ação e outra que coíbe a ação. Logo, a pulsão de vida é junção das pulsões sexuais e de autoconservação, pois induzem à busca de objetos e ambas são conservadoras. Concerne a toda demanda interna que leva o sujeito à busca do prazer, a criar, realizar projetos e o direciona para algo inovador. A pulsão de morte segue um caminho inverso: desagrega o aparelho psíquico fazendo-o perder o percurso de construir a vida. Concerne à busca do isolamento, da estagnação e atos de destruição e morte. Enquanto a pulsão de vida visa à agitação e algo novo, a pulsão de morte visa o cômodo e a inércia, buscando voltar para o estado inorgânico, inanimado. (GARCIA-ROZA, 1984/2009).

Freud (1923/2011) mostra que há uma ambivalência entre as duas pulsões, já que não existe pulsão de vida sem pulsão de morte, e vice-versa, tal como podemos ler em:

Ambas as pulsões comportam-se de maneira conservadora no sentido mais estrito, ao se empenhar em restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. Este surgimento seria, então, a causa da continuação da vida e, ao mesmo tempo, da aspiração pela morte, a própria vida sendo luta e compromisso entre essas duas tendências. A questão da origem da vida permaneceria cosmológica, a da finalidade e propósito da vida seria respondida de forma dualista (FREUD, 1923/2011, p.37).

Mesmo desconhecendo a forma que ambas se misturam, o autor afirma que quanto mais estão fundidas, mais a pulsão de morte é controlada pela pulsão de vida. Assim que se desfundem (que é o que acontece, por exemplo, no masoquismo), essa parcela da pulsão de morte que está desassimilada da pulsão de vida, encontra algum meio de vazão: a musculatura humana. Em parte, é por meio da musculatura humana que a agressividade, o ódio e a pulsão de morte se manifestam a fim de desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo e outras formas de vida (FREUD, 1923/2011).

Dessa forma, podemos pensar em um grande conflito entre as duas pulsões. Este conflito está presente em nós sincronicamente, mas no inconsciente. Ao mesmo tempo em que o sujeito quer continuar vivendo, se depara com frustrações, com o desprazer e o sofrimento, levando-o, então, ao enamoramento da morte, já que nela não há falta nem dor.

Como foi dito, o primeiro dualismo pulsional de Freud foi reelaborado e deu origem às pulsões de vida e de morte. Entretanto, vale discutir o que o levou a tal desfecho. Foi a partir da introdução do conceito de narcisismo que a distinção entre a pulsão sexual e de autoconservação começou a se desfazer.

O narcisismo é um conceito proposto por Freud (1914/2010), e foi elucidado a partir do mito de Narciso. Resumidamente, Narciso é um personagem da mitologia grega, fruto do relacionamento do deus Cefiso e da ninfa Liríope. Ao nascer, o oráculo Tirésias revelou que Narciso teria uma vida longa, desde que o mesmo não visse sua imagem. A cada ano que se passava, o rapaz vinha se tornando cada vez mais belo, despertando o interesse de várias ninfas, e uma em especial, a ninfa Eco. Entretanto, Narciso a desprezou, assim como fazia arrogantemente com todas as outras. A fim de ensinar-lhe uma lição, um feitiço foi lançado sobre ele, o rapaz foi condenado a apaixonar-se por si mesmo, sem poder possuir a pessoa amada. Então, ao passar por uma fonte límpida de águas cristalinas e ao inclinar-se para beber água, Narciso viu o seu reflexo e encantou-se com si mesmo. Diversas foram as vezes em que ele tentou alcançar a bela feição que havia visto nas águas, mas nunca atingiu o seu objetivo, deitando perto do rio e definhando-se (DUGNANI; CRUZ, 2007).

A partir do mito, Freud (1914/2010) propôs um modelo para entender a origem do Eu. Ao nascer, o bebê padece de um turbilhão de sensações. A noção do Eu, e de que há algo que está dentro de nós e algo que está fora, ainda é inexistente nesses primeiros meses de vida. Nesse período, há uma anarquia da pulsão, uma espécie de autoerotismo. Ao discorrer sobre a sexualidade infantil, o autor se apropria do termo autoerotismo para descrever a fase inicial de evolução do Eu, na qual a pulsão sexual encontra satisfação sem investir em qualquer objeto externo, tal como podemos ler em:

A partir desse autoerotismo, para o qual não há um objeto externo determinado, a libido vai aos poucos constituindo seus objetos, numa expansão que é correspondente à elaboração do mundo pelo sujeito, mundo dos objetos de interesse. O importante é entendermos que esse mundo não é construído segundo a ordem das necessidades, não se trata de ir descobrindo pouco a pouco os caminhos que conduzem das necessidades biológicas aos objetos do mundo exterior, de acordo com uma ordem que é anterior e

exterior à instauração não princípio do prazer (GARCIA-ROZA, 1995/2011, p.41).

Podemos compreender que a percepção do Eu deve surgir e ser construída no decorrer da vida do sujeito, a partir de um novo ato psíquico. Esse mecanismo psíquico de constituição do Eu, é, então, o narcisismo (Freud, 1914/2010). A partir dessa construção do Eu, Freud percebe que o sujeito é capaz de tomar a si mesmo e a sua própria imagem como objeto de investimento sexual. Foi nesse período denominado narcisismo, que ficou evidente que as pulsões sexuais podem direcionar a libido investida nos objetos e no mundo externo para o próprio indivíduo, caracterizando um auto investimento sexual de satisfação autoerótica (GARCIA-ROZA, 1984/2009).

Há uma distinção entre o que Freud delimita como narcisismo primário e narcisismo secundário, o indivíduo nesse processo de constituição subjetiva, só se constitui como sujeito quando de alguma maneira, ele investe toda a sua libido em sua própria imagem. Ou seja, o narcisismo primário é caracterizado pelo Eu como o único e exclusivo objeto de investimento libidinal. Uma vez que, a libido é investida na própria imagem, o sujeito torna-se ser desejante e ao entrar em contato com o desejo, ele começa a investir no mundo externo. Para Freud (1914/2010), em algum momento, e por alguma razão, que o próprio autor não consegue descrever, o sujeito recusa o investimento do mundo externo e volta a investir na própria imagem. Nesse sentido, o narcisismo secundário é caracterizado pelo retorno da libido ao Eu, libido que havia sido investida em objetos externos.

No narcisismo secundário vamos encontrar as descrições importantes para se pensar a questão do amor, pois para investir algo no outro, é preciso que de alguma maneira, o sujeito já tenha investido algo em si mesmo. Só existe amor, se existe um Eu que ama, "alguém" que ama. E como foi dito, para que exista o Eu é preciso que o narcisismo tenha aparecido. Nesse sentido, o amor é um fenômeno narcísico porque implica, portanto, no investimento em um traço do outro com o qual, de alguma maneira, o sujeito se identifica. Para Freud (1914/2010) é impossível pensar as escolhas que o sujeito faz, de objetos e desejos, sem pensar suas bases identificatórias.

A identificação não é simplesmente uma imitação, mas sim, aquilo que constitui uma base a partir da qual o sujeito faz as suas escolhas, sejam elas de cunho amoroso ou não. O que importa é: para que cada escolha seja feita é preciso que o sujeito já tenha se identificado, de certa forma, com o outro. Não há Eu sem a identificação, tampouco identificação antes do Eu, ambos são contemporâneos. A identificação seria um processo através do qual o Eu se

constitui, implicando em mecanismos narcísicos (FREUD, 1914/2010); (GARCIA-ROZA, 1995/2011). Contudo, esses processos identificatórios são feitos inconscientemente.

Freud (1915a/2010) descobre leis e propriedades nas lacunas do consciente e decide nomeá-las de inconsciente. O inconsciente se remete a um conjunto de fenômenos recolhidos pelo autor, como por exemplo, os atos falhos, os sonhos, as repetições quase que impulsivas na vida do sujeito (como se relacionam com os outros, quando os mesmos erros ou acertos são cometidos) ou quando nos deparamos com sintomas. Esse agrupamento de processos de simbolização é marcado pelo sentimento de que há uma parte obscura de nós mesmos, uma espécie de outro que nos abita. Tendemos a considerar tudo que é estranho e que aquilo que não conseguimos reconhecer em nós mesmo como algo que é do outro, que está fora. Esse outro é, justamente, o inconsciente. Trata-se de reconhecer que o que julgo estar fora faz parte de mim, e como que, de certa maneira, toda a estrutura psíquica já implica em um modelo de uma alteridade. Tal como podemos ler em:

Primeiro, uma consciência da qual o próprio portador nada sabe é algo diferente de uma consciência alheia, e pode-se perguntar se uma tal consciência, a que falta a mais importante característica, merece de fato uma discussão. Quem se rebelou contra a hipótese de uma psique inconsciente não ficará satisfeito em trocá-la por uma consciência inconsciente. Em segundo lugar, a análise indica que cada um dos processos anímicos latentes que inferimos goza de um alto grau de independência, como se não estivesse em ligação com os demais e nada soubesse deles. Devemos então estar preparados para supor em nós uma segunda consciência, mas também uma terceira, quarta, talvez uma série interminável de estados de consciência, todos desconhecidos para nós e entre si. Em terceiro lugar vem, como o argumento de maior peso, a consideração de que através da pesquisa analítica sabemos que uma parte desses processos latentes possui características e peculiaridades que nos parecem estranhas, mesmo incríveis, e que contrariam diretamente os atributos da consciência que nos são conhecidos (FREUD, 1915a/2010 p.79).

O inconsciente é uma espécie de segunda consciência, um lugar psíquico que “não se identifica com as profundezas da consciência nem com aquilo que a subjetividade possui de caótico é impensável” (GARCIA-ROZA, 1984/2009, p.173). Entretanto, não se trata de um lugar substancialmente escondido que nos habita, tampouco algo metafísico, uma substância espiritual (FREUD, 1915b/2010).

O inconsciente não é, então, um depósito de ideias, mas uma regra de associação, uma regra de simbolização, uma regra a partir da qual os desejos não são admitidos na consciência porque sofrem um repúdio da moral, do Eu, que são negados pela consciência e passam por um processo de desligamento (FREUD, 1915b/2010). Nesse sentido, se há uma contradição de

dois desejos conscientes do sujeito, no inconsciente há uma junção de ambos para que o objetivo final seja obtido. Não existe lugar para a exclusão ou negação no inconsciente, isso só vai acontecer “pelo trabalho da censura na fronteira entre os sistemas Ics e Pcs/Cs” (GARCIA-ROZA, 1984/2009, p. 182).

No entanto, é de grande importância compreender esse processo de desligamento, algumas ideias do sujeito não podem ser conscientes devido a uma força que se opõe. Existem processos psíquicos que podem vir à tona, tendo efeitos como todas as outras ideias. Possuímos então, dois tipos de inconsciente: um latente (pré-consciente), no qual um elemento psíquico, mesmo que não seja de forma duradoura, é capaz de tornar-se consciente, e um reprimido, no qual não é possível tornar-se consciente. Freud (1915b/2010) se apropria, então, de três termos: consciente (cs), pré-consciente (pcs) e inconsciente (is).

Freud (1915b/2010) destaca pontos importantes da relação do Eu com a consciência. A partir de um trabalho intelectual, constatou que algumas ideias do sujeito podem ser efetuadas no pré-consciente sem chegar à consciência. É o caso, por exemplo, do indivíduo entrar em contato, através do sonho, com soluções de problemas que quando estava acordado não vieram à mente. O autor discorre também sobre pessoas que possuem valores morais, autocríticas ou ações que são altamente valorizadas. Por serem inconscientes, tais concepções se manifestam de diferentes formas na vida do indivíduo, como por exemplo, pelo sentimento de culpa inconsciente.

Esse sentimento de culpa é resultado da convergência das expectativas da consciência e do desempenho do Eu, ocasionando, muitas vezes, em uma necessidade de castigo (FREUD, 1915b/2010). Visto que, a culpa aflora no campo da inconsciência e que a punição é exercida pelo sujeito sobre si mesmo, podem-se observar diversos efeitos dessa repressão, tal como podemos ler em:

[...] irritabilidade, mau humor, apatia, depressão, perturbações psicossomáticas etc. Também pode expressar-se por uma tensão intrapsíquica que ocasiona um estado de profundo mal-estar" acompanhado por um sofrimento contínuo, depressão e pela ideia de que alguma catástrofe poderia ocorrer. Estas últimas expressões estão associadas a uma inevitável necessidade de castigo. O conteúdo psicológico da culpa é: "não sou bom, mereço o castigo." O próprio indivíduo, impulsionado por este sentimento inconsciente de culpa e punição, provoca, através de uma compulsão repetitiva, situações adversas das quais irá posteriormente se queixar (NICK, 1983, p. 109).

Tal comportamento autodestrutivo pode ser relacionado a um dos destinos que a pulsão de morte pode tomar, onde ela acaba sendo direcionada sobre o sujeito, seja na forma de autorecriminações ou automutilações.

Freud (1915a/2010) ao falar sobre as possíveis transformações de uma pulsão para a outra, cita a conversão de amor em ódio, já que podemos observar ambos os sentimentos sendo dirigidos a um mesmo objeto, destacando então, uma ambivalência afetiva. Para a psicanálise o amor não é o único componente da expressão sexual do indivíduo, isto é, o amor não é suficiente para expressar tudo o que se passa no campo sexual, o ódio e a violência também fazem parte dessa dimensão associada à sexualidade. Entretanto, é de grande importância entender que o amor e o ódio não são duas superfícies distintas que estão dissociadas.

Pensemos por exemplo em uma folha de papel, onde uma face representa o amor e a outra o ódio. Visualmente o verso e o anverso são dois lados completamente distintos e opostos, onde o que está em um lado não tem, necessariamente, algo em comum com o que está em outro. Ou seja, é como se o amor e o ódio não fossem pertencentes a um mesmo plano, e sim, opostos. Todavia, imaginemos que uma gota d'água caia sobre uma das superfícies desse papel. Ambos os lados estariam comprometidos. É dessa forma que a psicanálise compreende esses sentimentos: é impossível pensar o amor dissociado ao ódio e o ódio dissociado ao amor. O amor não depreende de uma oposição, mas sim de três.

Além da oposição amor-ódio, existe a de amar-ser amado, e amor e ódio, tomados conjuntamente, opõem-se ao estado de indiferença ou insensibilidade. Dessas três antíteses, a segunda, amar-ser amado, corresponde inteiramente à conversão de atividade em passividade, e pode ser remetida a uma situação fundamental, como a pulsão de olhar. Esta situação se chama: amar a si mesmo (FREUD, 1915a/2010, p. 52-53).

O amar a si mesmo é uma das características do narcisismo, já que o narcisismo é o ato psíquico através do qual o Eu investe a libido em si mesmo, mas precisamente, na imagem de si. Tendemos a achar que o sujeito narcísico ama a si mesmo e odeia todos os outros. Mas o narcisismo é o momento em que o Eu está no centro, e isso se dá tanto pela via do amor quanto pela via do ódio. Quando Freud (1915a/2010) refere-se ao amor a si mesmo, ele também engloba o ódio nessa situação, já que ambos são indissociáveis. O narcisismo não é somente, então, o movimento de amar a si mesmo, o odiar a si mesmo também é uma forma de narcisismo, desde que o Eu esteja no centro.

Outra característica narcísica que foi destacada no presente estudo foi a de identificação. Freud (1917[1915] /2010) percebe que muitas das autoacusações dos melancólicos não estão relacionadas à sua própria pessoa, e sim a outra pessoa amada. Entretanto, as recriminações voltam para o próprio Eu.

Quando há uma escolha de objeto e uma ligação da libido em relação à outra pessoa, e o sujeito se decepciona com algo vindo dessa pessoa amada, ocorre um abalo na relação de objeto. A libido que era para ser retirada do objeto e deslocada para um outro, é recuada para o próprio Eu. Quando isso acontece, uma identificação do Eu com o objeto abandonado é estabelecida, isso faz com que o objeto seja transformado em uma perda do Eu e estabelece “o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação” (FREUD, 1917 [1915] /2010, p. 133-134).

A partir disso, Freud (1917 [1915] /2010) destacou duas possibilidades para os resultados de tal processo: uma fixação no objeto amoroso ou uma resistência de investimento no objeto. Essa contradição se remete ao fato de que a escolha do objeto tenha sido feita sobre uma “base narcísica, de modo que o investimento objetal possa ao lhe aparecerem dificuldades, regredir ao narcisismo” Freud (1917 [1915] /2010, p.134). Essa identificação narcísica com o objeto substitui o investimento amoroso, fazendo com que, apesar do conflito com o objeto, a relação amorosa não precise ser abandonada. Ou seja, há uma perda do objeto amado, fazendo com que a ambivalência afetiva nas relações amorosas se torne evidente. Quando o objeto é renunciado, mas o amor em relação a ele permanece, o ódio é direcionado ao objeto substituto através de insultos, rebaixamentos e fazendo-o sofrer.

Por outro lado, a violência e a agressividade em relação ao outro é indissociável da agressividade em relação a si mesmo. Já que, de certa maneira, todo ato violento se sustenta em uma identificação. Podemos pensar no sujeito que agride o outro como alguém que está agredindo algo em si que não pode ser admitido como seu. Essa agressão é uma forma de manter longe do sujeito algo que lhe compõe, mas que não aceita reconhecer como sendo dele, algo que não suporta em si.

### CAPÍTULO III: ANÁLISE DO DISCURSO DE “PEQUENAS GRANDES MENTIRAS”

O livro escolhido para análise do presente estudo foi a obra “Pequenas grandes mentiras” de Liane Moriarty (2013/2017), que posteriormente deu origem à minissérie da HBO. O livro trata, através de um romance, temas que vão desde os desafios da maternidade e *bullying* até estupro e relacionamentos abusivos. O mistério da obra está relacionado aos desdobramentos de um assassinato. Mas esse acontecimento não é tema central na história, serve como intermédio para contar um pouco sobre a vida das mulheres que moram na Califórnia, mais especificamente, Monterey. Conta com três personagens protagonistas, que à primeira vista, tem em comum apenas o fato de todas terem filhos da mesma idade e que estudam na mesma turma em uma escola local. Entretanto, durante a história, constroem uma forte amizade e percebem que lidam com situações mais semelhantes do que imaginavam.

A análise será realizada a partir das três personagens principais: Madeline, Jane e Celeste, em função dos seguintes eixos temáticos: (i) A sociedade pós-moderna, (ii) Sexualidade e violência, (iii) As pulsões e a ambivalência amor/ódio, (iv) Inconsciente e culpa e (v) Narcisismo e indiferença.

#### 3.1 MADELINE

Madeline está em seu segundo casamento e possui duas filhas, uma adolescente, fruto da relação com seu ex-marido (com quem tem uma relação conturbada), e outra filha de cinco anos, fruto do seu atual casamento. A história começa no dia em que Madeline está completando quarenta anos de idade, e parece que a personagem se depara com questões muito características da modernidade líquida, proposta por Bauman (2001).

A personagem teme o envelhecimento e acredita que, como resultado de sua idade, se sentirá e será vista pelos outros de uma forma diferente.

Sua opinião sobre os “quarenta” era a mesma de quando tinha quinze anos. Uma idade muito sem graça. Ilhada no meio de sua vida. Nada mais teria muita importância aos quarenta anos. A pessoa não teria sentimentos de verdade aos quarenta, estaria protegida deles por aquela idade tão antiquada (MORIARTY, 2013/2017 p.17).

O sujeito ao envelhecer, na modernidade líquida, e de acordo com o que é exposto no livro, vai perdendo a sua credibilidade e espaço na sociedade, já que ninguém é insubstituível. Madeline relata que se estivesse em uma situação em que pudesse salvar a vida de alguém



mais jovem, ela se sentiria na obrigação de se sacrificar em prol dessa outra pessoa, ou melhor: “Levar um tiro em prol da juventude. Era muito justo” (MORIARTY, 2013/2017 p. 18). Podemos pensar, então, como a juventude é supervalorizada na modernidade líquida e ainda, como essa nova forma de subjetivação traz sofrimento ao sujeito (LASCH, 1983; BAUMAN, 2001).

Essa angustia de Madeline nos faz pensar nas três fontes de sofrimento destacados por Freud (1930/2010): o sofrimento causado pelas leis da natureza, pela deteriorização do corpo humano e pelo social. “Toda vez que via provas do envelhecimento natural de seu corpo, era tomada por uma vergonha irracional, como se não estivesse se esforçando o suficiente” (MORIARTY, 2013/2017, p. 76). Parece que a personagem não reconhece, verdadeiramente, que as duas primeiras fontes de sofrimento são incontornáveis e, por isso, se sente frustrada com seu envelhecimento.

A aparência nesse contexto social pós-moderno é prioridade, tanto em relação à aparência física quanto à forma que o sujeito deve agir. A mídia e as pessoas que estão a nossa volta influenciam diretamente nas novas formas de subjetividade, resultando em uma “cultura narcisista” (LASCH, 1983 apud COELHO, 2007). Podemos perceber na obra que não só Madeline, mas todos os personagens, parecem influenciados pela pós-modernidade e estão constantemente preocupados com a aparência. Existe um padrão de beleza a ser cumprido, e esse discurso é mais visível na fala das personagens femininas. “Aquela era a aparência que uma mulher devia ter. Exatamente aquela” (MORIARTY, 2013/2017, p.33). No entanto, pode-se perceber que essa necessidade de atingir os padrões de beleza não é de cunho unicamente auto satisfatório. As mulheres buscam estar atraentes para os outros, especificamente para os homens: “É porque a gente vive em uma sociedade obcecada pela beleza, na qual a coisa mais importante que a mulher pode fazer é ser atraente para o homem” (MORIARTY, 2013/2017, p. 172).

Entretanto, tais padrões de beleza são inalcançáveis para as personagens, o que, de certa maneira, pode ter contribuído para elas se aproximarem: “Detestava o jeito como as mulheres estavam sempre buscando no ódio ao próprio corpo um ponto em comum” (MORIARTY, 2013/2017, p. 106). Essa aproximação pode estar relacionada às identificações narcísicas de umas com as outras. Dessa forma, percebem traços de si nas outras mulheres, e ao mesmo tempo, assimilam tais atributos para a constituição do seu próprio Eu (FREUD, 1914/2010).

Outra dependência do sujeito está relacionada ao olhar do outro. Ao mesmo tempo em que esse olhar delimita as condutas sociais, eles também avaliam se tais comportamentos estão dentro do que é aceito socialmente. O que importa na sociedade do espetáculo é agir de forma notável, a fim de conseguir o reconhecimento daqueles que ocupam um lugar de espectador (DEBORD, 1997/2017). No livro analisado, pode-se perceber que mesmo que não seja uma realidade do indivíduo, ele busca, de alguma forma, mostrar aos outros uma felicidade inexistente: “Se exibisse no Facebook como sua vida era perfeita, talvez também começasse a acreditar” (MORIARTY, 2013/2017, p. 113). E ainda, tal como podemos ler em:

Isso faria com que parecessem pessoas bem-humoradas, engraçadas e divertidas que não se levavam muito a sério e se interessavam por sua escola e comunidade. Complementava perfeitamente outros posts mais glamorosos sobre viagens ao exterior e eventos culturais caros. Uma noite de concurso de perguntas na escola era ótimo para a imagem deles (MORIARTY, 2013/2017, p. 336).

Dado que as novas reconfigurações do modelo de subjetividade trazem conflitos e sofrimento para os sujeitos, vale destacar que, ao mesmo tempo em que a necessidade de atingir os padrões que são impostos pode de certa forma, unir os indivíduos, pode também gerar uma competitividade entre eles (BIRMAN, 1999). Fato que parece ser pertinente à obra analisada.

Seria errôneo imaginar as personagens do livro se preocupando somente com a velhice e com suas aparências físicas. Essa competitividade entre elas vai muito além do que olhos podem ver. O valor que a mulher tem, nesse contexto, parece ser avaliado pela quantidade de tarefas e papéis que ela consegue assumir com excelência. Visto que, o sujeito inserido na modernidade líquida tem a possibilidade de possuir inúmeras identidades (BAUMAN, 2001), a ganhadora dessa disputa seria aquela mulher que consegue trabalhar, desempenhar o melhor papel de mãe e prosseguir diante a tudo isso impecavelmente linda.

É possível observar no livro diversas características semelhantes à sociedade do espetáculo e modernidade líquida. Os personagens necessitam do olhar do outro, seja pelo simples fato de estarem no centro das atenções ou buscando uma aprovação para validarem a sua autoestima, tal como podemos ler em: “Jane se viu no centro das atenções, o que era bem agradável, para ser sincera” (MORIARTY, 2013/2017, p. 27). Entretanto, uma das particularidades mais interessantes que o leitor pode observar durante a leitura da obra é o fato de que constantemente os personagens parecem estar desejando e almejando as vidas uns dos outros. Esse desejo, porém, surge com base no que é apresentado pelos outros personagens, ou

seja, constantes performances (DEBORD 1997/2017; GOFFMAN, 1959 apud TEIXEIRA, 1999).

A partir disso, é possível refletir sobre o que Freud (1930/2010) discorreu durante toda a sua obra. O autor caracteriza a felicidade inalcançável como resultado de uma criação do homem, a civilização, mas ao mesmo tempo, demonstra não acreditar que exista um caminho diferente do processo civilizatório. Critica, então, a visão romantizada segundo a qual a solução seria retrocedermos à forma que os seres humanos viviam antes do processo civilizatório. Ou seja, a ideia de conviver em harmonia com a natureza, quando na verdade ela é marcada pela crueldade de que o mais forte domina o mais fraco.

Entretanto, não se trata apenas de uma análise sociológica do mal-estar, mas também, de pensar essa análise sociológica em suas repercussões psicológicas. Isto é, não devemos olhar para a questão do mal-estar simplesmente pelo ângulo da civilização e desconsiderar as posições que os sujeitos assumem diante das exigências e das configurações que lhe são impostas. É preciso pensar que a felicidade inalcançável está também relacionada à forma que o sujeito se posiciona em relação a todos os desdobramentos provenientes dos processos civilizatórios.

### 3.2 JANE

Jane é mãe solteira e acabara de se mudar para a cidade de Monterey em busca de um emprego e um novo lar. O mistério sobre o pai da criança é revelado durante a trama: Jane ao sofrer um estupro engravidou de Ziggy, um menino doce que no primeiro dia de aula foi acusado de praticar *bullying* com a colega. A partir disso, Jane começa a se questionar sobre a possibilidade do filho ter herdado algum traço agressivo do pai, o que no final da história é refutado.

Mesmo que o verdadeiro praticante do *bullying* tenha sido revelado somente no final do livro, é possível pensarmos sobre questões que ajudariam a desvendar o personagem responsável pelas agressões. Freud (1930/2010) discorre sobre como todo indivíduo carrega uma cota significativa de agressividade. Isso nos faz pensar que Ziggy não é um sujeito brando e composto somente pelo amor, mesmo que durante todo o livro, vejamos um menino que parece calmo e incapaz de tamanhas agressões. Conjuntamente, Freud (1930/2010) destaca que a agressividade não implica, necessariamente, ao uso da força física. Podemos pensar que o personagem encontrou formas transformativas de se expressar, e a agressividade, ao invés de

encontrar vazão na musculatura e tomar o outro como objeto de violência, pode ter funcionado de forma libertadora.

Como foi dito, Ziggy não era o praticante do *bullying*, e sim Max, um dos filhos gêmeos de Celeste. O casamento da personagem será explorado no próximo tópico, mas era marcado pela violência física, psicológica, patrimonial e moral. As causas e motivos que levam a prática da violência são inconscientes, mas possui um movimento circular de produção e reprodução (BITTAR, 2008), o que pode ser observado tanto no relacionamento de Celeste quanto nas agressões provocadas por Max em seus colegas de sala.

Refletiremos, então, se o fato de Max estiver inserido em um contexto marcado por constantes agressões possa ter, de certa forma, influenciado esse seu comportamento violento. Considerando os pressupostos de Freud (1914/2010), é possível pensar que Max não estivesse simplesmente imitando e reproduzindo as agressões que presenciou do pai, mas sim, identificando-se com ele, tal como podemos ler em: “Reagiam como o pai fazia quando as coisas davam errado: com raiva e violência (MORIARTY, 2013/2017, p. 395). Esses processos identificatórios, e que implicam mecanismos narcísicos, não são feitos conscientemente (FREUD, 1914 apud GARCIA-ROZA, 1995/2011). Nesse sentido, podemos pensar na possibilidade que o Eu de Max se constituiu e se identificou com o pai agressivo, influenciando suas escolhas de objetos e desejos.

Além de Celeste, Jane também revela marcas devido a sua experiência abusiva, contando que chegou até mesmo a perder peso depois do ocorrido:

Não tive a intenção de perder tanto peso — disse Jane. — Fico com raiva de ter emagrecido, como se estivesse fazendo isso para ele, mas tive dificuldade para comer depois do que aconteceu. Toda vez que ia comer, era como se eu pudesse *me ver* comendo. Eu me via do jeito que ele tinha me visto: uma gorda mal-ajambrada comendo (MORIARTY, 2013/2107, p. 173).

Podemos pensar, de acordo com as ideias de Freud, em como esse trauma pode ter interferido na sexualidade de Jane: “Depois disso, as coisas nunca mais foram as mesmas” (MORIARTY, 2013/2017, p. 169). Visto que, para Freud (1905/2010), o campo sexual não está atrelado somente aos atos sexuais, mas também, a todo tipo de satisfação humana, que visam à constituição do laço social e socialização entre sujeitos, podemos refletir sobre o fato de Jane nunca mais ter conseguido se relacionar com outra pessoa. Mesmo aceitando um convite para um encontro, Jane não consegue prosseguir: “Uma violenta onda de náusea a fez se curvar, a testa encostada na mesa. Tapou a boca com a mão. O sangue fugiu da sua cabeça.

Ela sentia o cheiro. Podia jurar que era real, que estava ali no apartamento” (MORIARTY, 2013/2017, p. 114).

Podemos pensar, então, sobre como este trauma pode ter vindo a constituir sintomas psíquicos em Jane. A personagem nunca havia contado a ninguém sobre o que havia passado: “Ela nunca chorara. Não contara a ninguém. Engolira tudo e fingira que o episódio não significava nada, e, com isso, passara a significar tudo” (MORIARTY, 2013/2017, p. 193). Mezan (2011), a partir da leitura dos textos de Freud, discorreu sobre algumas características que aproximam o trauma com a dimensão da sexualidade e seus sintomas. O trauma seria, então, uma ocasião em que o sujeito fica sem respostas. O estrangulamento dos afetos e emoções faz com que os sentimentos que foram reprimidos encontrem uma nova forma de se expressar. Essa expressão se dá, então, pela lógica do inconsciente, desencadeando outros efeitos.

A partir disso, podemos refletir sobre como a reação de Jane de não ter se permitido se expressar e entrar em contato com os sentimentos frente ao que lhe aconteceu, pode ter ocasionado um processo defensivo. Isso pode ter contribuído ao fato da personagem não ter conseguido se relacionar com mais ninguém, e, além disso, por estar, recorrentemente, desvalorizando e menosprezando o seu próprio corpo, tal como em: “[...] obviamente ninguém vai querer ver *isso aqui* de biquíni! — Ela fez uma cara de nojo ao apontar para seu corpo absolutamente normal” (MORIARTY, 2013/2017, p. 106).

### 3.3 CELESTE

Celeste chama a atenção de todos que lhe rodeiam, não só pela sua beleza, mas também por possuir uma vida aparentemente perfeita. Casada com Perry, um homem muito bem sucedido e igualmente bonito, que se comporta como um bom marido e ao que tudo indica, é um bom pai para os gêmeos. Entretanto, o relacionamento é marcado por brigas, agressões e inseguranças, um relacionamento abusivo que é mascarado para a sociedade. Em uma sessão de psicoterapia, a personagem expõe sobre o funcionamento do mesmo:

Quanto mais ele me machuca, mais por cima eu fico, e mais tempo dura. Então as semanas vão passando, e sinto o equilíbrio mudando. Ele para de se sentir tão culpado e arrependido. Os hematomas... fico com hematomas bem fácil... Bem, os hematomas somem. Pequenas coisas que eu faço começam a aborrecê-lo. Ele fica meio irritado. Tento acalmá-lo. Começo a pisar em ovos, mas ao mesmo tempo fico com raiva de ter que fazer isso, então às vezes paro de andar na ponta dos pés. Pisoteio com força os ovos. Implico com Perry de propósito porque estou com raiva dele, e de mim, por ter que ser cuidadosa. E aí acontece tudo de novo (MORIARTY, 2013/2107, p.182).

O fato de Celeste ter que ser cuidadosa nos faz pensar nas constantes performances características da “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997/2017), que foi explorado anteriormente. É possível refletir sobre como a personagem está, incessantemente, medindo suas atitudes e se perdendo dentre tantas identidades fluidas: “Não conseguia se lembrar bem de como agir. Ela se via pensando: Será que ri muito alto? Será que me esqueci de rir? Será que já falei isso?” (MORIARTY, 2013/2017, p.34).

Freud (1923/2011) discorre sobre como o amor e o ódio podem surgir simultaneamente em direção ao mesmo objeto, fato que nos faz pensar que o amor de Celeste em relação a Perry se manifesta de forma ambivalente: “Ela o amava tanto quanto o odiava? Odiava-o tanto quanto o amava?” (MORIARTY, 2013/2017). É interessante refletir como essa equação do amor e do ódio se constitui, mostrando que, no fundo, essa equação só existe se ambos os termos forem apresentados. Ou seja, é impossível pensar o sentimento do amor desvinculado do sentimento do ódio. E esta é a grande problemática enfrentada pela personagem, a qual mesmo passando por situações de grande medo e angustia, se apoiava em momentos bons e de ternura com o marido, tal como podemos ler em:

É o fato incontestável por trás de sua indecisão era: ela amava Perry. Ainda estava apaixonada. Ainda tinha uma queda pelo marido. Ele a fazia feliz e a divertia. Ela ainda gostava de conversar com ele, de assistir televisão com ele, de ficar na cama com ele em manhãs frias e chuvosas. Ela ainda o desejava (MORIARTY, 2013/2017, p. 70).

Ao casar-se com Perry e dar a luz aos gêmeos, Celeste abandonou o seu emprego de advogada para se dedicar a família. Entretanto, devido ao trabalho, seu marido estava constantemente viajando, deixando-a sozinha após agressões físicas e morais. Em uma das cenas descrita do livro, Celeste parece estar com inveja de dois faxineiros, os quais estão trabalhando felizes em sua mansão, e diante disso, sente-se ingrata por todo o luxo que tem e, ainda assim, não lhe traz felicidade. A partir desse cenário, podemos pensar no caráter reflexivo das pulsões explicitado por Freud (1915a/2010), que consiste no fato de que quando a pulsão não encontra um objeto no mundo externo para satisfazer-se, ela acaba retornando sobre o próprio sujeito, seja através de autorecriminações ou automutilações. Tal comportamento pode ser observado na personagem, tal como podemos ler em:

Ela beliscou as coxas até ficar com lágrimas nos olhos. Teria novos hematomas no dia seguinte. Hematomas que fizera em si mesma. Ela gostava de vê-los mudar de aspecto, se intensificando, escurecendo e depois sumindo aos poucos. Era um hobby. Um interesse dela. Era bom ter um interesse (MORIARTY, 2013/2017, p. 145).

Outra relação que é possível se pensar está, em grande medida, vinculada ao inconsciente, ou melhor, ao sentimento de culpa inconsciente. Freud (1915b/2010) caracteriza o inconsciente como uma parte do sujeito que é desconhecida por ele mesmo, mas que influencia suas ações e desejos e, certas vezes, contrariam diretamente aquilo que é consciente. Quando o sujeito possui valores morais ou supervaloriza algumas ações, tais concepções podem ser manifestadas de diversas formas, como por exemplo, através da culpa. Isso nos faz pensar nas concepções e crenças de Celeste em relação ao seu casamento. A personagem reconhece e demonstra em diversas situações revolta e angústia em relação ao contexto abusivo de seu relacionamento, bem como, demonstra vergonha do que os outros pensariam ao descobrir que ela aceita viver nesse contexto, tal como podemos ler em:

Como podiam confessar a uma estranha o que acontecia no casamento deles? A vergonha. O comportamento vil. Eram um casal bonito. As pessoas lhes diziam isso havia anos. Eles eram admirados e invejados. Tinham todos os privilégios do mundo. Viagens internacionais. Uma bela casa. Era feio e ingrato da parte deles agir daquela maneira (MORIARTY, 2013/2017, p. 70-71).

Como foi dito anteriormente, as autorecriminações e automutilações estão presentes na vida da personagem. Isso nos faz pensar na possibilidade de Celeste ter estabelecido uma espécie de diálogo com o seu inconsciente. Ou seja, como que, de certa forma, seu casamento não se trata de uma relação a dois, mas sim, uma relação a três: Celeste, Perry e o inconsciente. Nesse sentido, as agressões e punições voltadas para si mesma podem ser resultado de uma culpa inconsciente. Essa culpa surge, por exemplo, quando Celeste está em conflito se deve ou não separar-se do seu marido:

Se terminasse o relacionamento, então a violência também cessaria, porque ele já não teria mais direito de bater nela, assim como não teria mais direito de beijá-la [...] Outras mulheres naquela situação tinham medo de que seus maridos as encontrassem e as matassem caso elas tentassem sair de casa, mas Celeste temia sentir falta dele (MORIARTY, 2013/2017, p. 210-212).

Podemos pensar na possibilidade que é nesses momentos em que a culpa inconsciente se manifesta. Celeste apesar de sofrer com as agressões, de certa forma, acreditava que elas eram o preço a se pagar por viver com tanto luxo: “Um pouco de violência não era muito a se pagar por uma vida que do contrário seria apenas perfeita de um jeito muito enjoativo, luxuoso e enluarado” (MORIARTY, 2013/2017, p.214). Nesse sentido, quando pensava em abandoná-lo, se culpava por planejar a sua fuga com os filhos: “Até então, nunca fora capaz de deixar Perry porque não conseguia imaginar para onde iria, como viveria. Tinha um bloqueio mental. Parecia impossível [...] Estava ofegante, tentando imaginar as carinhas desconcertadas dos filhos. Ai,

meu Deus. Será que ela podia fazer isso com eles?” (MORIARTY, 2013/2017, p. 210-211). E, conseqüentemente, se punia, já que seu inconsciente lhe dizia que estava sendo ingrata: “Merecia apanhar. Merecia” (MORIARTY, 2013/2017, p. 145).

Esse conflito de Celeste também pode ser relacionado à segunda teoria pulsional de Freud (1915a/2010), caracterizada pela pulsão de vida e pela pulsão de morte. Há em Celeste um movimento em direção a mudança e a busca por algo novo, características inerentes à pulsão de vida. Isso pode ser observado, por exemplo, quando ela consegue alugar um apartamento para se mudar e abandonar o marido. Entretanto, podemos pensar também sobre um aspecto da pulsão de morte, já que parte dela prefere ficar estagnada no relacionamento: “Ela não precisava levar nada adiante. Era só um exercício teórico” (MORIARTY, 2013/2017, p. 213). Mesmo que a personagem não se mudasse de fato para o apartamento, podemos considerar que ela desejava viver, já que: “Se ela ficasse, e os dois continuassem daquele jeito, ele provavelmente acabaria encontrando algo que o deixaria irritado a ponto de matá-la” (MORIARTY, 2013/2017, p. 282). Mas ao mesmo tempo, é possível refletir sobre o seu enamoramento da morte, não no sentido literal da palavra, mas sim, em relação a continuar nessa situação de inércia. Já que, dessa forma, Celeste não precisaria se deparar com novas frustrações, como por exemplo, a de ser mãe solteira ou de sofrer com a falta do seu marido.

Apesar de toda a relação conturbada com Perry, Celeste não conseguia enxergá-la como abusiva, afinal, havia muito amor: “Somos diferentes. Somos especiais. Nós nos amamos mais. Tudo é mais intenso para nós” (MORIARTY, 2013/2017, p.141). Entretanto, Freud (1915a/2010) ao discorrer sobre a ambivalência pulsional relaciona a conversão do amor em ódio, ou seja, a possibilidade da ambivalência do amor.

Nesse sentido, é interessante pensar novamente no cenário extremamente pessimista que Freud (1930/2010) pinta ao falar do mal-estar na civilização. O autor acredita que a única e possível forma de resistir ao que tende destruir a vida é pela via do amor. Entretanto, como já foi dito, o amor e o ódio são contemporâneos e estão intimamente relacionados. Se o autor acredita que a saída é através do amor, automaticamente o sentimento do ódio está inserido nesse contexto.

Podemos pensar em como, de certa maneira, o excesso de um sentimento coincide com a falta do outro, e ainda, como o excesso do amor e a falta do ódio, por exemplo, são dois lados de uma mesma moeda. Visto que, tendemos achar favorável entrar em contato e sentir somente o amor, é importante refletir sobre o destino transformador que o ódio pode ter, visto que ele não é necessariamente, um sentimento abominável. Nesse sentido, vale pensar como o narcisismo é responsável por colocar a subjetividade no pêndulo do amor e ódio, já que,



amando ou odiando, o que importa é o outro (Perry) estar perto do Eu (Celeste). Isto se dá pelo fato do narcisismo não ser somente o movimento de amar a si mesmo, mas também, odiar a si mesmo. O que verdadeiramente importa nesse cenário narcísico não é o sentimento predominante, ou seja, se o sujeito se ama ou odeia, mas que o Eu esteja no centro.

Refletiremos então, que mesmo causando sofrimento, o ódio pode ser servir também como uma estratégia, isto é, uma estratégia subjetiva para manter o outro próximo de mim. Pensaremos, por exemplo, no caso de Celeste. Pode ser que a partir do momento em que ela se submete as agressões de Perry e as condições que ele lhe impõe, ela tem a garantia que ele vai estar ao seu lado. Nesse sentido, a violência, de uma forma ou de outra, acaba sendo, nesse contexto, uma saída para o sujeito se relacionar: “Nos últimos cinco anos, a própria Celeste havia desenvolvido uma espécie de insensibilidade e de aceitação em relação à violência que lhe permitia revidar e às vezes até bater primeiro. Ela arranhava, chutava e estapeava. Como se fosse normal” (MORIARTY, 2013/2017, p. 340).

O ódio também pode ser pensado na perspectiva da indiferença. Quando o sujeito se torna indiferente ao outro, ou seja, se torna indiferente aquele que pensa de forma distinta ou possui desejos contrários, a violência pode surgir quando este se aproxima. Essa violência não precisa, necessariamente, se manifestar através da forma física, mas também, na forma de moralismos. Ou seja, é justamente pelo fato do sujeito ser indiferente ao outro que ele pode vir a reagir com violência e ódio. Podemos pensar no fato que para Celeste, não existe violência maior do que Perry ser indiferente a ela: “Ela sabia que a frieza a machucaria mais do que os punhos dele já foram capazes” (MORIARTY, 2013/2017, p. 210). Nesse contexto, a violência parece, então, ser essencial, já que sem ela, Perry poderia tornar-se indiferente a Celeste.

Essa atitude de indiferença está sendo imposta cada vez mais na “cultura do narcisismo” (LASCH, 1983), sendo manifestada através de relações voláteis e na constituição de vínculos imediatos e instantâneos. Não há mais a expectativa de chegada e ida do outro, já que os indivíduos estão todo tempo à disposição em um espaço virtual, onde tudo acontece de uma forma momentânea e superficial. Diante disso, a experiência do amor se torna, de certa forma, apática, sem grandes oscilações.

Em um livro de autoajuda chamado “Mulheres que amam demais” de Norwood (2011), a autora delimita comportamentos e emoções como sendo características de pessoas que “amam demais”. De certa forma, o recado dado aos leitores, mais especificamente às mulheres, é que elas se policiem para não amar demais, e sim, para encontrarem uma justa medida que as coloque no abrigo das intempéries provenientes do amor. Entretanto, isso nos

permite refletir sobre o campo do amor, que de alguma forma, passa pelo caminho das incertezas e dos imprevistos, o que não justifica a violência.

É possível pensarmos, então, como na cultura do narcisismo, o par do amor e ódio é cada vez mais afastado. A consequência disso não é que as pessoas vivam mais tranquilas, mas sim, que percam a sua capacidade transformativa e vivam indiferentes. Essa é a grande questão, quando excluimos a ambivalência do amor e do ódio, o que sobra é a indiferença, e consequentemente, nos encontramos em uma posição ainda pior do ponto de vista civilizatório exposto por Freud (1930/2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste projeto, foi apresentado um mapeamento sintético sobre o amor e o ódio sob perspectivas freudianas e alguns de seus comentadores. Por exemplo, Ravello e Martinez (2013) defendem o amor como um campo de fenômenos, ou seja, não pode ser tomado de forma isolada, e para isso aproximam a concepção de amor aos conceitos de transferência, narcisismo, pulsão e sexualidade. Alves e Castelo (2016) também retratam o amor como abrangente, mas defendem que todo amor é narcísico e edípico, já que amamos a nós mesmos através do semelhante. Nasio (2007) apresenta outra perspectiva do amor, o postula como princípio insuperável dos sofrimentos humanos, isto é, quanto mais se ama, mais se sofre. Entretanto, mesmo dispondo de um amplo referencial teórico, cada artigo, obra ou texto aborda o tema de uma forma singular, assemelhando-se em partes. Nesse sentido, o estudo teve como intuito desconstruir a visão de algumas perspectivas que podemos encontrar no meio acadêmico sobre a temática central: o amor e o ódio.

No primeiro capítulo, procuramos refletir sobre o momento atual da nossa sociedade, debatendo sobre as novas formas de subjetivação e os desdobramentos que resultam no sofrimento humano. Podemos perceber, então, que o sujeito é ser indissociável da civilização. Nesse sentido, destacamos a felicidade inalcançável elucidada por Freud, e diante disso, a problemática da violência foi sublinhada, para que dessa forma, fosse possível contextualizar o cenário evidenciado pelo presente estudo, o dos relacionamentos abusivos.

O segundo capítulo visou adentrar no debate psicanalítico, relacionando os conceitos metapsicológicos de Freud com o que tem sido produzido por comentadores e trabalhos acadêmicos atuais. Os principais conceitos explorados foram elucubrados com a intenção de evidenciar a relação do amor e ódio, foram eles: a sexualidade, a ambivalência pulsional, o narcisismo e o inconsciente.

A partir do que foi coletado no segundo capítulo, pudemos dar início à análise da obra “Pequenas grande mentiras”. A obra foi utilizada para ilustrar e promover uma ocasião para refletirmos sobre as questões tratadas nos tópicos anteriores. Mostramos que os limites entre o amor e o ódio não são simples e claras, pelo contrário, que envolvem diversos outros fenômenos que estão diretamente ligados e sendo influenciados uns pelos outros.

Acredita-se que investigação e a análise executada neste estudo tenham auxiliado na expansão da cultura psicológica no campo social. É inegável a grande importância do debate sobre os relacionamentos abusivos para o campo psicológico, na medida em que ele diz

respeito a um fenômeno social, político e que é relevante na contemporaneidade. Nesse sentido, não podemos esquecer que o sofrimento psíquico é sim uma categoria política e que, por conseguinte, a clínica não se exerce no vácuo da história. Ou seja, a clínica deve se valer dos debates sociológicos para descortinar novos horizontes de atuação, isto é, somente através de novos elementos ela poderá reformular seus dispositivos.

Cumprir dizer que, gradativamente, com o auxílio de novos projetos, novas pesquisas e novas reflexões, será possível lançar uma luz sobre fenômenos sociais, culturais e psicológicos aqui destacados. Pontua-se a importância de colocar as reflexões freudianas em perspectiva, ou seja, tomá-las sob o ângulo de sua historicidade. Isso porque muitas ideias de Freud sobre a mulher e sobre o amor comportam certo anacronismo, sendo imprescindível considerar sua época e os valores dominantes naquela sociedade. Além disso, a psicanálise se trata de uma teoria viva que, portanto, precisa requestionar seus fundamentos a fim de sintonizar-se com as configurações políticas, culturais e antropológicas do contexto atual.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Camila da Silva; CASTELO, Regina Coeli Aguiar. Captura amorosas: um dizer sobre o amor em psicanálise. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 30, n. 2. p. 101-118, ago/dez, 2016.
- ANDRADE, F. C. B. de. Considerações psicanalíticas sobre a violência na escola. Aprender: **Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, ano I, n. 1, p. 57-66, 2003.
- BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro; QUITANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos** – Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- BARROS, Neuma Carvalho; ROCHA, Zeferino. **A filiação pelo ódio**. 2010.4f. Trabalho apresentado no I Congresso Franco-Brasileiro sobre Psicanálise, Filiação e Sociedade. Recife, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada**: Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENELLI, Sílvio José. O internato escolar como instituição total: violência e subjetividade. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 19-29, dec. 2002.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BITTAR, Eduardo C. B.. Violência e realidade brasileira: civilização ou barbárie?. **Rev. katálisis**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 214-224, dec. 2008.
- COELHO, Cláudio. Indústria cultural, entretenimento e cultura do narcisismo: a questão do controle social terapêutico. **Rev. Líbero**, São Paulo, v. 19, n 19, p 29-39, jun. 2007
- COSTA, André; ENDO, Paulo. Corpo, transmissão e processo civilizador: Sigmund Freud e Norbert Elias. **Rev. Trivium**, vol. 6, n. 2, p.16-32. dez 2014.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 29-37, 2007.

DANIEL, Cristiane; SOUZA, Mériti de. Modos de subjetivar e de configurar o sofrimento: depressão e modernidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 12, n. 20, p. 117-130, dez. 2006.

DEBORD, G. (1997) **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

DUGNANI, P.; CRUZ, L. A. Mitologia e pós-modernidade: Proteu, Argos e Narciso, os mitos e seus reflexos na sociedade. Anuário de Produção Acadêmica Docente, Sistema Anhanguera de Revistas Eletrônicas – **SARE**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 201-206, out. 2007.

DRUBSCKY, Camila Andrade. **Até que ponto o narcisismo?**. 2008. 8f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2008.

ELIA, Luciano. **Psicanálise: clínica e pesquisa**. In: Alberti, S. & Elia, L. (Org.). Clínica e pesquisa em psicanálise. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. 2000, p. 19-35.

ELIAS, N.. (1939). O Processo civilizador. Volume 1: Uma história dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FERNANDES, Elisângela Barbosa. **Narcisismo**. 2002. 141f. Dissertação (Mestrado)-Dissertação apresentada ao departamento de Filosofia e Metodologia das ciências da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2002.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006

FLANZER, Sandra Niskier. Sobre o ódio. **Rev. Interações**, São Paulo v. XII, n. 22, p. 215-299, 2006.

FONTES, Virgínia. Freud, conflito, contradição e história. **Revista Sofia**, Vitória: EDUFES vol. I, n 11 e 12, 2004.

FREUD, Sigmund (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**: análise fragmentária de uma histeria (“O caso dora”). Obras completas, vol. 6. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Ed.2010.

\_\_\_\_\_. (1910). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** (contribuições para psicologia do amor I). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (ESB, 11).

\_\_\_\_\_. (1912). **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor** (contribuições para psicologia do amor II). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (ESB, 11)

\_\_\_\_\_. (1914). **Introdução ao narcisismo**. Obras completas, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Ed. 2010, p. 9-37.

\_\_\_\_\_. (1915a). **Os instintos e seus destinos**. Obras completas, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Ed. 2010, p. 38-60.

\_\_\_\_\_. (1915b). **O inconsciente**. Obras completas, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Ed. 2010, p. 74-112.

\_\_\_\_\_. (1917[1915]). **Luto e Melancolia**. Obras completas, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Ed. 2010, p. 127-144.

\_\_\_\_\_. (1918). **O Tabu da Virgindade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (ESB, 11).

\_\_\_\_\_. (1923). **O Eu e o Id**. Obras Completas, vol. 16. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Ed. 2011. p. 9-64

\_\_\_\_\_. (1930). **O mal-estar na civilização**. Obras completas, vol.18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Ed. 2010, p. 9-89.

\_\_\_\_\_. (1932) **Por que a guerra?** Obras completas, vol. 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Cia.das Letras. Ed. 2010, p. 237-250.

GAIO, Fernando. **Narcisismo e corporeidade em Freud**. 2005. 94f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

GARCIA-ROZA, L. A. (1984) **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2009.

\_\_\_\_\_. (1995) **Introdução à Metapsicologia** Freudiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2011.

GOFFMAN, E. *The presentation of self in everyday life*. Nova York, Doubleday & Co, 1959.

GOMES, Jomara; CASAGRANDE, Liset. A educação reflexiva na pós-modernidade: uma revisão bibliográfica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 10, n.5, p. 69 -703, set./out. 2002.

LAGOAS, Juliano Moreira. **Epistemologia, Psicanálise e Políticas do Sofrimento Psíquico**. Projeto de pesquisa. Instituto Ceub de Pesquisa e Desenvolvimento: Brasília, 2017.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1968) **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, Ed. 2008.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983

LIMA, Brunno Marcondes de. O mal-estar na civilização: um diálogo entre Freud e Marcuse. **Rev. Mal-Estar Subj.** Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 61-86, mar. 2010.

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MORIARTY, Liane (2013). **Pequenas grandes mentiras**. Rio de Janeiro: Intrínseca, Ed. 2017.

NASIO, Juan David. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NICK, Eva. Culpa ou preocupação?. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 105-130, abr. 1983.

NORWOOD, Robin. **As Mulheres que amam demais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

PARO, Vitor Henrique. Parem de preparar para o trabalho: reflexões acerca dos efeitos neoliberalismo sobre a gestão escolar e sobre o papel da escola básica. 1999,17f, Trabalho apresentado em seminário: “Trabalho, Formação e Currículo”- PUC-São Paulo, 24 a 25/8/1998.

RAVANELLO, Tiago; MARTINEZ, Marisa de Costas. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cad. Psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 35, n.29, p. 159-183, dez. 2013.



RIBEIRO, M. Anita C. e outros. **Os Destinos da Pulsão**. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1997.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**. São Paulo, v. 22, n. 1, p 180-188, 2010.

TEIXEIRA, João Gabriel L.C. Análise Dramatúrgica e Teoria Sociológica. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 89-100, jun. 1998.

TFOUNI, Fabio Elias Ferdinadi. Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados. **Rev.Ágora**, v. XVI, n. 1, p 39-56, jan/jun. 2013.

VALAS, P. **Freud e a Perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.